Repositórios e Ciência Aberta, direitos autorais de Jamille Santos Conceição, 2025, licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, CC BY

Revista Mutirõ. Folhetim de Geografias Agrárias do Sul, Universidade Federal de Pernambuco, v. 6 n. 1, 2025
• https://doi.org/10.51359/2675-3472.2025.265883
• Submissão: 23/02/2025 • Aprovação: 15/03/2025

FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL
Revista Mutirõ
ISSN: 2675-3472

Territorialidades afrodiaspóricas e cartografias contra-hegemônicas: a literatura de Josué de Castro em geo-perspectiva[1]

Jamille Santos Conceição[I]

[I] Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil
https://orcid.org/0009-0003-9439-8012

RESUMO

A pressão por estudos sobre o lugar e participação das populações originárias e da diáspora africana na história de países colonizados, como o Brasil, é cada vez mais crescente. Considerando os desafios de acessar registros da presença dessas populações pela historiografia tradicional/canônica, a adoção da literatura e da perspectiva da Cartografia Crítica (Harley, 1989; Cramptom e Krigier, 2006; Santos, 2011) e da Cartografia Geográfica Crítica (CGC) proposta por Girardi (2008) foi fundamental. Apresentamos um recorte da pesquisa de mestrado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (PPGH-USP), em andamento. Integraram nosso escopo de análise as obras literárias de Josué de Castro: Documentário do Nordeste (1959) e Homens e Caranguejos (1967). Com elas, foi possível construir mapas sobre a infância e a adolescência do autor na cidade do Recife e estimar, a partir dessa cartografia, a abrangência, os usos e a produção de uma territorialidade negra pela população pobre dos mocambos, retratada em suas obras. Santos (2022) nos ajuda a compreender essa realidade: as relações raciais se expressam no espaço, produzindo territorialidades temporárias e/ou permanentes. Os resultados evidenciam a relevância da biografia e da literatura de Castro para a geografia histórica, destacando o potencial de ampliação da análise geográfica ao se priorizarem essas fontes. A reconstituição cartográfica revelou as prováveis localizações das territorialidades afrodiaspóricas, a diversidade de usos da cidade por essa população e a importância dos movimentos sociais na luta pela democratização da posse da terra e na produção de territorialidades historicamente.

Palavras-chaves: territorialidades negras; Cartografia Crítica; mocambos; Josué de Castro.

Afro-diasporic territories and counter-hegemonic cartographies: Josué de Castro's literature in geo-perspective

ABSTRACT

[1] Comunicação apresentada originalmente no "Seminário Redescobrindo o Brasil: Diálogos Socioterritoriais", realizado em outubro de 2024 e promovido pela Cátedra Manuel Correia de Andrade da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

The pressure for studies on the place and participation of populations of African origin and diaspora in the history of colonized countries, like Brazil, is growing. Considering the challenges of accessing records of the presence of these populations through traditional/canonical historiography, the adoption of literature and the perspective of Critical Cartography (Harley, 1989; Cramptom and Krigier, 2006; Santos, 2011) and Critical Geographic Cartography (CGC) proposed by Girardi (2008) it was fundamental. We present a section of the ongoing master's research in Geography at the Graduate Program in Human Geography at the University of São Paulo (PPGH-USP). Our scope of analysis included Josué de Castro's literary works: Documentário do Nordeste (1959) and Homens e Caranguejos (1967). With them, we were able to build maps of the author's childhood and adolescence in the city of Recife and estimate, from this cartography, the scope, uses and production of a black territoriality by the poor population of the mocambos, portrayed in his works. Santos (2022) helps us understand this reality: race relations are expressed in space, producing temporary and/or permanent territorialities. The results show the relevance of Castro's biography and literature for historical geography, highlighting the potential for broadening geographical analysis by prioritizing these sources. The cartographic reconstruction revealed the probable locations of Afro-diasporic territorialities, the diversity of uses of the city by this population and the importance of social movements in the struggle for the democratization of land ownership and in the production of historically territorialities.

Keywords: black territorialities; Critical Cartography; mocambos; Josué de Castro.

Territorios afrodiásporicos y cartografías contrahegemónicas: la literatura de Josué de Castro en geoperspectiva

RESUMEN

Crece la presión por estudios sobre el lugar y la participación de las poblaciones de origen africano y de la diáspora en la historia de países colonizados como Brasil. Considerando los desafíos de acceso a los registros de la presencia de estas poblaciones a través de la historiografía tradicional/canónica, fue fundamental la adopción de la literatura y la perspectiva de la Cartografía Crítica (Harley, 1989; Cramptom y Krigier, 2006; Santos, 2011) y de la Cartografía Geográfica Crítica (CGC) propuestas por Girardi (2008). Presentamos una parte de la investigación, en curso, de la Maestría en Geografía del Programa de Posgrado en Geografía Humana de la Universidad de São Paulo (PPGH-USP). Nuestro ámbito de análisis incluyó las obras literarias de Josué de Castro: Documentário do Nordeste (1959) y Homens e Caranguejos (1967). Con ellas, pudimos construir mapas de la infancia y adolescencia del autor en la ciudad de Recife y estimar, a partir de esta cartografía, el alcance, los usos y la producción de una territorialidad negra por parte de la población pobre de los mocambos, retratada en sus obras. Santos (2022) nos ayuda a comprender esta realidad: las relaciones raciales se expresan en el espacio, produciendo territorialidades temporales y/o permanentes. Los resultados muestran la relevancia de la biografía y la literatura de Castro para la geografía histórica, destacando el potencial de ampliación del análisis geográfico mediante la priorización de estas fuentes. La reconstrucción cartográfica reveló las probables localizaciones de las territorialidades afrodiaspóricas, la diversidad de usos de la ciudad por esta población y la importancia de los movimientos sociales en la lucha por la democratización de la propiedad de la tierra y la producción de territorialidades históricamente.

Palabras clave: territorialidades negras; cartografía crítica; mocambos; Josué de Castro.

INTRODUÇÃO

A pressão por estudos sobre o lugar e participação das populações originárias e da diáspora africana na história de países colonizados, como o Brasil, é cada vez mais crescente. Em se tratando dos africanos e seus descendentes – recorte deste trabalho –, os estudos e publicações, de um lado, tencionam a história oficial e hegemônica, e, de outro, evidenciam as tecnologias, estratégias de existência como o associativismo no

território[2], a educação e a cultura popular e erudita (Domingues, 2019), colaborando para outras geo-perspectivas epistêmicas.

A esse respeito, vale a menção à importância histórica do ativismo dos movimentos sociais negros na inclusão da pauta racial na agenda pública e acadêmica do país (Gomes, 2017). Em que pese o papel da Geografia nesse cenário, o espaço geográfico, enquanto *lócus* de produção e reprodução das relações sociais, bem como da cartografia como técnica consagrada de legitimação da existência (e, ao mesmo tempo, das ausências) de elementos da realidade sobre um suporte (papel), ganha centralidade na discussão.

Tomando parte nesses debates de revisão e releitura do espaço em perspectiva negra, a partir das lutas sociais, a comunicação que ora apresentamos, soma-se a esse esforço epistêmico e se constitui como um recorte da pesquisa de mestrado[3] em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (PPGH-USP) que se encontra em andamento. Esperamos que os apontamentos divulgados aqui, contribuam para o debate racial a partir da literatura em perspectiva geográfica, sendo o autor analisado, Josué de Castro, compõe, a nosso ver, o rol de intérpretes que nos ajudam a redescobrir o Brasil.

Embora Castro seja mais conhecido pelas sua sobras científicas[4], foram várias as razões que nos levaram a optar pela análise de sua produção ficcional - "*Documentário do Nordeste"* (doravante chamado DNe) e *"Homens e Caranguejos"* (doravante chamado H&C). Primeiramente, destaca-se o *valor histórico* dessas narrativas, que ao *circunscreverem* a população afrodiaspórica, migrante[5] e pobre, situam-se em um *tempo*

[2] Para a região Sudeste, a dissertação de Mestrado "Territórios Negros em Trânsito: Penha de França - Sociabilidades e Redes Negras na São Paulo do Pós Abolição", de Marcelo Vitale Teodoro da Silva, revela as múltiplas formas de sociabilidade negra (cordões carnavalescos, escolas de samba, batuques de samba, capoeira, clubes de futebol, imprensa negra) na cidade de São Paulo-SP, a articulação existente entre elas e a abrangência espacial (com a cartografia produzida) dessa territorialidade negra que coexistia sobre os territórios embranquecidos pela historiografia oficial, como o bairro do Bixiga e Liberdade. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8161/tde-27032019-170741/pt-br.php Acesso em 03 set. 2024.

[3] Sob a orientação da Profa. Dra. Larissa Mies Bombardi, a quem agradeço enormemente pelo apoio e suporte.

[4] São muito mais conhecidas as obras científicas do Dr. Castro, como "Geografia da Fome" (1946), por meio da qual o autor foi reconhecido internacionalmente por seus estudos e atuação política de denúncia da fome – um produto do subdesenvolvimento (CASTRO, 1991 p. 269). E antes disso, na década de 1930 quando produziu inquéritos sobre a situação alimentar de trabalhadores da cidade do Recife (CASTRO, 1932), relacionando a insuficiência dos valores pagos a essa classe para a garantia de condições mínimas de vida, o que comprometia o rendimento dessas pessoas no trabalho por carência energética.

[5] Nos referimos à emigração rural, ocorrida entre os séculos XIX e XX em Pernambuco, e resultado das crises econômicas do açúcar e algodão, de conflitos fundiários, da violência política no interior e das secas (1825-28, 1844-46 e 1877-79) que forçaram o deslocamento em busca de comida e água e melhores

muito próximo ao da abolição da escravatura e em um *território* marcado pela presença africana. Afinal, Pernambuco[6] foi uma das maiores e mais importantes capitanias do Brasil. Outra razão é que os *lugares* em que a população retratada aparece e os *sentidos* que recebem nas obras em questão, são marcados por momentos em que o autor fornece relatos valiosos para compreender a diáspora africana no Recife[7], embora às vezes influenciado por valores etnocêntricos, desqualificando e reduzindo a experiência dessa população. Por fim, trata-se de *registros da infância e adolescência* narrados por aquele que se tornou figura expoente nos estudos sobre fome e subdesenvolvimento no Brasil e no mundo.

Importante dizer que, nos recenseamentos de 1913, 1923 e 1939 (intervalo que corresponde à infância de Josué e à primeira edição de DNe) o número de mocambos no Recife vinha crescendo e superando as habitações de alvenaria: 43,3%, 51,1% e 63,7%, respectivamente (Souza, 1990, 1991). Esse crescimento causava enorme preocupação aos governos da época, e o enfrentamento dessa situação se materializou na criação da "Liga Social Contra o Mocambo".[8]

Quanto a característica afrodiaspórica apontada no parágrafo anterior, presente na literatura de Josué, o sentido de "afrodiaspórico" adotado aqui não se restringe apenas ao de deslocamento em massa de africanos durante o período do tráfico Atlântico, mas adscreve também à da circulação cultural, tecnológica e cosmológica desses povos nos territórios para onde forçosamente imigraram – principalmente a Europa e as Américas.

> [...] os africanos escravizados e seus descendentes, partícipes da (des)ventura diaspórica, contribuíram para a edificação do mundo moderno e, aproveitando todas as oportunidades do contexto, inventaram diferentes estilos estéticos, gramáticas culturais, sociabilidades, signos de resistência e geopolíticas do conhecimento e do corpo. As culturas afrodiaspóricas, longe de depósitos de atributos do passado, eram (e são) projetos de inovação, de

condições de vida. Esses processos colaboraram largamente para o incremento populacional da capital, Recife, cf Valeria Gomes, 2013 e Marcus Carvalho, 2010.

[6] De acordo com a base de dados The Trans-Atlantic Slave Trade Database (TSTD), Pernambuco recebeu 960.478 mil africanos durante o tráfico atlântico, e foi a terceira capital africana do Império (atrás da Bahia e liderada pelo Rio de Janeiro – centro do tráfico no Sudeste). Disponível em http://www.slavevoyages.org/tast/assessment Acesso em 20 ago. 2023.

[7] Elementos como a sociabilidade, as diferentes expressões culturais (por exemplo, pelos festejos do bumba-meu-boi, maracatu descritos por Josué), as táticas de enfrentamento às ameaças de destruição das moradias pelo Estado, podem contribuir para essa tentativa de reconstituição e entendimento da diáspora africana no Recife.

[8] Ver LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro. A pobreza como um problema social: as ações de Victor Tavares de Moura e Agamenon Magalhães nas favelas do Rio e nos mocambos do Recife durante o Estado Novo. 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

> participação criativa na modernidade e, por vezes, de subversão, sendo atualizadas e reatualizadas a partir de fluxos e trocas de ideias, valores e projetos que circulam pela rede do Atlântico Negro. (Domingues, 2021, p. 12)

É pela adoção de uma cartografia contra-hegemônica que se pode mapear tais ações e sujeitos continuamente apagados da história dita oficial. Trata-se de um esforço para *imprimir* no mapa a dimensão territorial da presença africana, *reconhecer* os mocambos como integrantes do "patrimônio territorial e cultural inestimável e em grande parte desconhecido pelo Estado, pelas autoridades e pelos órgãos oficiais" (Anjos, 2003, p. 53), além de colaborar com a

> [...] recuperação e resgate dos fragmentos de informações geográficas que possam permitir a compreensão do que está acontecendo no processo de distribuição dos remanescentes de antigos quilombos do Brasil. Se perguntarmos por exemplo: Como estão distribuídos os registros de remanescentes de quilombos nos municípios brasileiros, unidade política básica do país? Onde se concentram? Bem, verificaremos que esta e outras questões permanecem sem resposta satisfatória (Anjos, 2003 p. 53).

Considerando os desafios de acessar registros da presença dessas populações pela historiografia tradicional/canônica, que secundariza as presenças, resistências e protagonismo negro, é necessário realizar uma busca contracorrente. Nesse sentido, a literatura foi uma aliada importante para a investigação deste trabalho.

O uso que fizemos da literatura para reconstituição cartográfica da presença afrodiaspórica dialoga com a reflexão de Santos (2011) sobre as experiências e inovações que os mapeamentos participativos promovem como tecnologia de gestão social, capaz de descentralizar a execução de política públicas, subsidiar e estimular o processo de desenvolvimento local, pois

> [...] todas as informações contidas nos mapas são fornecidas pelos próprios residentes. Os mapeamentos são, portanto, "instâncias de construção coletiva e participação aberta", que permitem conhecer a realidade através das memórias cotidianas de indivíduos que convergem para um mesmo espaço horizontal. O diagnóstico participativo aparece, na perspectiva indicada, como (i) instrumento de valorização da voz e da fala de grupos desfavorecidos, portanto, um instrumento de equilibragem democrática e (ii) um instrumento de enquadramento desta fala em formatos (ou, meios) válidos de conhecimento – e, com isto, torna-se também paradoxalmente um instrumento de desqualificação das falas que não se encontram enquadradas neste mesmo formato, como as próprias formas de expressão dos grupos a quem se pretende dar voz (Santos, p. 9, 2011).

Historicamente, a ciência geográfica, através de seus estudiosos, esteve ao lado dos interesses geopolíticos e bélicos de diferentes estados-nação, colaborando com seu saber científico (nada neutro) na dominação e conquista de povos e territórios dos países

ditos subdesenvolvidos. A cartografia nesse contexto, era a principal ferramenta para pensar e dominar o território.

Cientes desse legado e do alerta feito por Lacoste (1976) em sua obra clássica "*A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*", na qual ele tece considerações críticas sobre o uso do mapa na Geografia, assumimos a perspectiva da Cartografia Crítica e da Cartografia Geográfica Crítica (CGC), que "tem como característica, assim como a Geografia Crítica, a ênfase nos problemas sociais e a promoção de uma cartografia geográfica com preocupações sociais" (Girardi, 2008 p. 79).

Os objetivos deste trabalho foram: construir mapas que abordam a infância e adolescência de Josué de Castro, e estimar, a partir dessa cartografia, a abrangência, os usos e a produção de uma territorialidade negra pela população pobre dos mocambos, retratada nas obras ficcionais desse autor.

METODOLOGIA

Em termos de enquadramento metodológico, de acordo com Gil (2017) e Rampazzo (2005), nossa pesquisa é do tipo descritiva e explicativa, adotando procedimentos bibliográficos e documentais - recorrendo, respectivamente, ao empréstimo de obras em bibliotecas da Universidade, à consulta presencial em acervos especializados em São Paulo e no Recife[9], e à consulta remota à Hemeroteca Digital Brasileira[10].

Fizeram parte do escopo as duas obras literárias produzidas por Josué de Castro ao longo de sua vida. A primeira é "*Documentário do Nordeste"* (doravante chamado DNe), publicado pela primeira vez em 1937, e a segunda obra escolhida foi "*Homens e Caranguejos"* (doravante H&C), de 1967.

Para este trabalho, tivemos acesso à 2a. edição de DNe (1959, Editora Brasiliense). A obra é dividida em três partes, sendo que cada uma se dedica a falar do Nordeste sob uma perspectiva diferente: I - A Paisagem viva do Nordeste, II - Estudos Sociais e III – Estudos Biológicos. Na primeira, são apresentados contos e crônicas ocorridos no Recife, cidade natal de Josué, abrangendo suas experiências de infância

[9] Como os do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) e o acervo pessoal de Josué de Castro, que se encontra sob a guarda da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), onde tive a imensa alegria de acessar (parcialmente) no segundo semestre de 2021.
[10] Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acesso em 05 set. 2019.

junto aos mangues e à população moradora dos mocambos[11] (onde, segundo ele, teve seu primeiro contato com a fome). A seção seguinte (II) abrange desde estudos de crítica sobre a literatura brasileira até inquéritos alimentares sobre as condições de vida dos operários do Nordeste, textos sobre cidade, transcrição de pronunciamentos de sua atuação parlamentar como Deputado Federal[12]. A última parte (III) aborda pesquisas no campo da nutrição, como, por exemplo, a que avaliou o valor nutricional das 'comidas bárbaras' do sertanejo.

Quanto à perspectiva teórica adotada, partimos do entendimento de Santos (2022) para compreender a presença afrodiaspórica testemunhada por Josué de Castro na cidade do Recife. Essa reflexão do professor Renato Emerson assume que as relações raciais se expressam no espaço, produzindo territorialidades temporárias e/ou permanentes. A territorialidade seria, então, uma qualidade que os territórios urbanos podem adquirir ao serem delimitados simbolicamente pela ação e presença permanente ou temporária de agentes históricos que, apesar de não possuírem domínio oficial sobre o território, compartilham pertencimento racial ou a experiência de segregação racializada e luta pela terra.

No caso que analisamos, os mocambos abrigam essas experiências racializadas, produzidas pela população pobre, migrante e negra. Em nosso trabalho, a etimologia de 'mocambo' segue o entendimento vindo do quicongo, no qual *mukambu* significa "cumeeira, telheiro, em alusão à principal característica do tipo de habitação: o telhado de palha. A palhoça original deveria ser apenas uma cobertura, um teto, uma cumeeira com palhas e sem paredes", assim como "esconderijo era a cabana, [...] fuga, esconderijo etc." (Lopes, 2012, p. 173).

Em relação à perspectiva cartográfica contra-hegemônica que orienta a elaboração dos mapas desse trabalho, como já mencionado na Introdução, ela nasce de uma crítica feita com grande força na década de 1970 à utilização da Geografia para dominação e conquista de territórios, sujeição de populações, privilegiando os interesses dos estados-nação. Nosso entendimento do papel do mapa na Geografia é tributário da corrente da Cartografia Crítica (Harley, 1989; Cramptom e Krigier, 2006; Santos, 2011) e da Cartografia Geográfica Crítica (CGC) proposta por Girardi (2008). Essas

[11] CASTRO, 1959, p. 45.
[12] Josué de Castro foi Deputado Federal por Pernambuco em dois mandatos – de 1955 a 1959 e 1959-1962. Disponível em https://www.camara.leg.br/deputados/130825/biografia. Acesso em 18 jan. 2022.

perspectivas estão interligadas e defendem outra concepção do uso dos mapas, que passa pela revisão da pretensa 'objetividade' que os reveste, do reconhecimento da ausência de neutralidade e dos discursos que portam (Harley, 1989 e 2005). Essa corrente propõe a promoção de seu uso crítico, com vistas a torná-lo instrumento de libertação (Girardi, 2012) e promoção da cidadania a partir da apropriação do espaço (Freire & Onrubia, 2010).

Definido o escopo documental das obras, foi realizada uma leitura inicial (qualitativa) e, a partir desta, verificou-se a necessidade de estabelecer algumas tipologias que designassem os temas discutidos pelo autor nas obras. Tal sistematização identificou seis grandes temas (Quadro 1), que têm relação com a dissertação; a cada um foi atribuída uma cor diferente e os trechos correspondentes foram sinalizados com essa marcação colorida durante a segunda leitura da obra (fotocopiada).

Quadro 1 - Esquema de cores e tipologias - análise qualitativa

	Questões agrárias
	Questões étnico-raciais
	Relatos de fome
	Imagens e representações
	Endereços e nomes de pessoas

Fonte: elaboração da autora, 2021.

Essa segunda etapa da leitura também foi acompanhada pelo registro manual, fichamento, em papel separado, das impressões e outras considerações pertinentes para a análise. Posteriormente, essas anotações foram transcritas para um editor de texto (*MS Word)*, com o objetivo de resguardar os registros e facilitar a localização durante a feitura da dissertação.

Para a construção da cartografia foi utilizado o software *ArcGIS 10.8,* no qual georreferenciamos plantas históricas da cidade do Recife, disponibilizadas gratuitamente em sites públicos e oficiais - Biblioteca Digital Nacional[13] e do Laboratório Topográfico de Pernambuco[14] (Labtopope) -, bases em formato *shapefile* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – limites de município, divisas estaduais e divisões regionais históricas –, além de imagens de satélite (*Imagery Service ESRI*) e *Basemap Topographyc* (ESRI). Esse material foi submetido ao georreferenciamento, que teve como suporte limites geográficos, contornos de estradas,

[13] Disponível em http://acervo.bndigital.bn.br/ Acesso em 13 mar 2022.
[14] Disponível em https://www.labtopope.com.br/cartografia-historica/ Acesso em 14 mar 2022.

construções urbanas históricas (Fortes militares, arrecifes), além de descrições e ilustrações das obras selecionadas de Josué de Castro, entre outros.

No momento seguinte, a partir dos topônimos relatados nas obras – rios, pontes, estradas, bairros -, identificamos visualmente a área de abrangência das tramas, as transformações que essas áreas sofreram e o que se preservou ao longo de três momentos – 1914, 1956 e presente. Entretanto, em nenhuma dessas temporalidades, foi identificada a presença dos mocambos na cartografia "oficial". Essa constatação reafirmou a importância de nosso trabalho e justificou a escolha das fontes e do método de produção dos mapas, filiado à Cartografia Crítica e à CGC, já que, para esta, o "[...] método é como o autor pensa, representa e analisa o espaço, por isso compreende sua intencionalidade" (Girardi, 2008 p. 79).

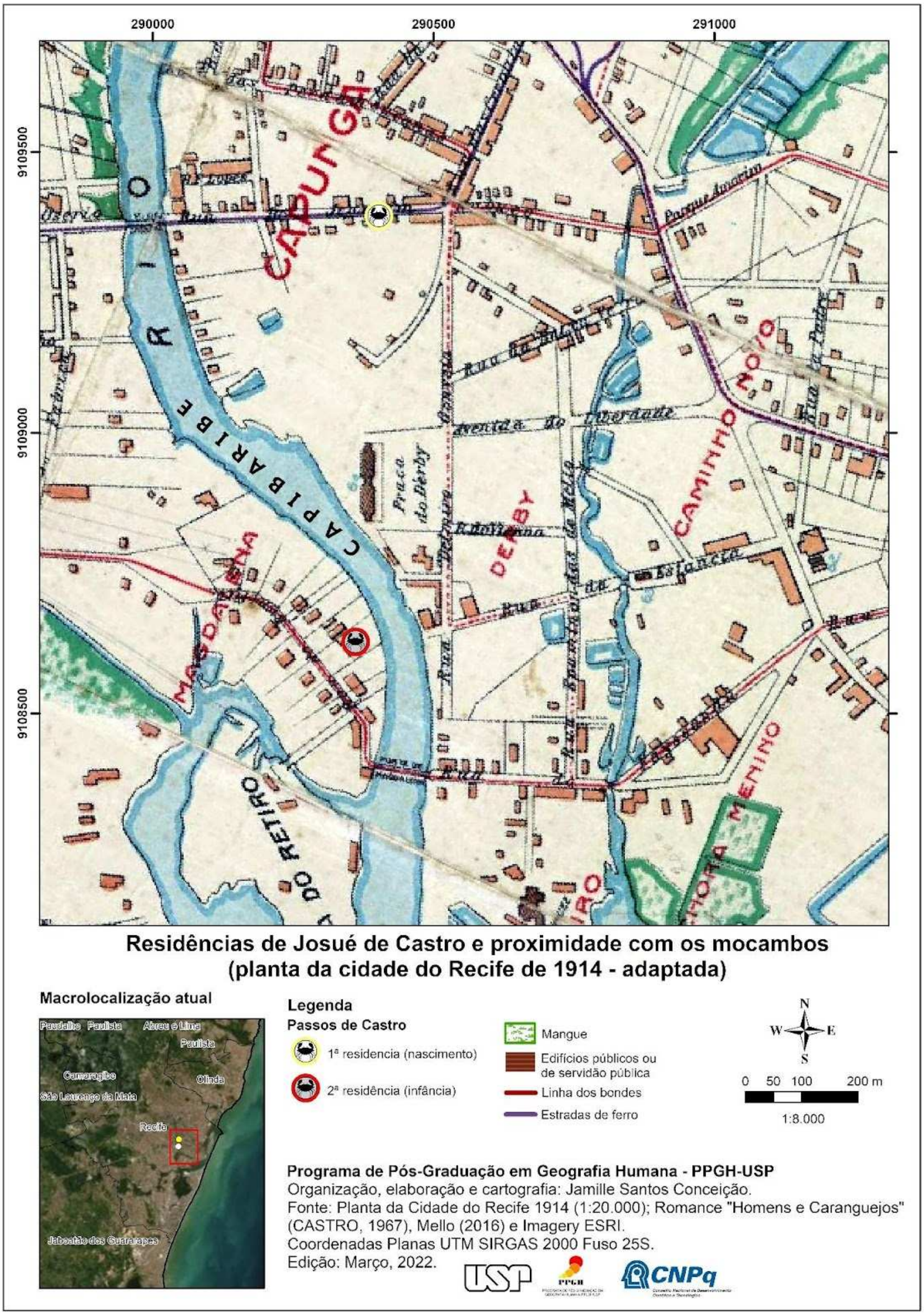
A partir dos fichamentos produzidos, foi possível decalcar as territorialidades e existências produzidas pela população pobre, migrante e negra sobre a dita "Veneza americana". Estimamos a localização dos mocambos e das residências de Josué de Castro, bem como dos lugares de trabalho e circulação dos personagens com base na leitura atenta das plantas históricas, da verificação dos topônimos, na checagem das direções fornecidas pelas obras e nas modificações feitas pelo autor entre uma edição e outra.

RESULTADOS

A dupla importância das obras literárias de Josué de Castro: uma *biográfica* para compreender o intelectual que o mundo conheceu, e outra de *geografia-histórica* na escala da cidade do Recife ao longo da primeira metade do século XX. Essas obras não só revelam a configuração espacial dos mocambos e suas disputas com o Estado pelo uso do solo urbano, mas nos apresentam às pessoas que ali viveram.

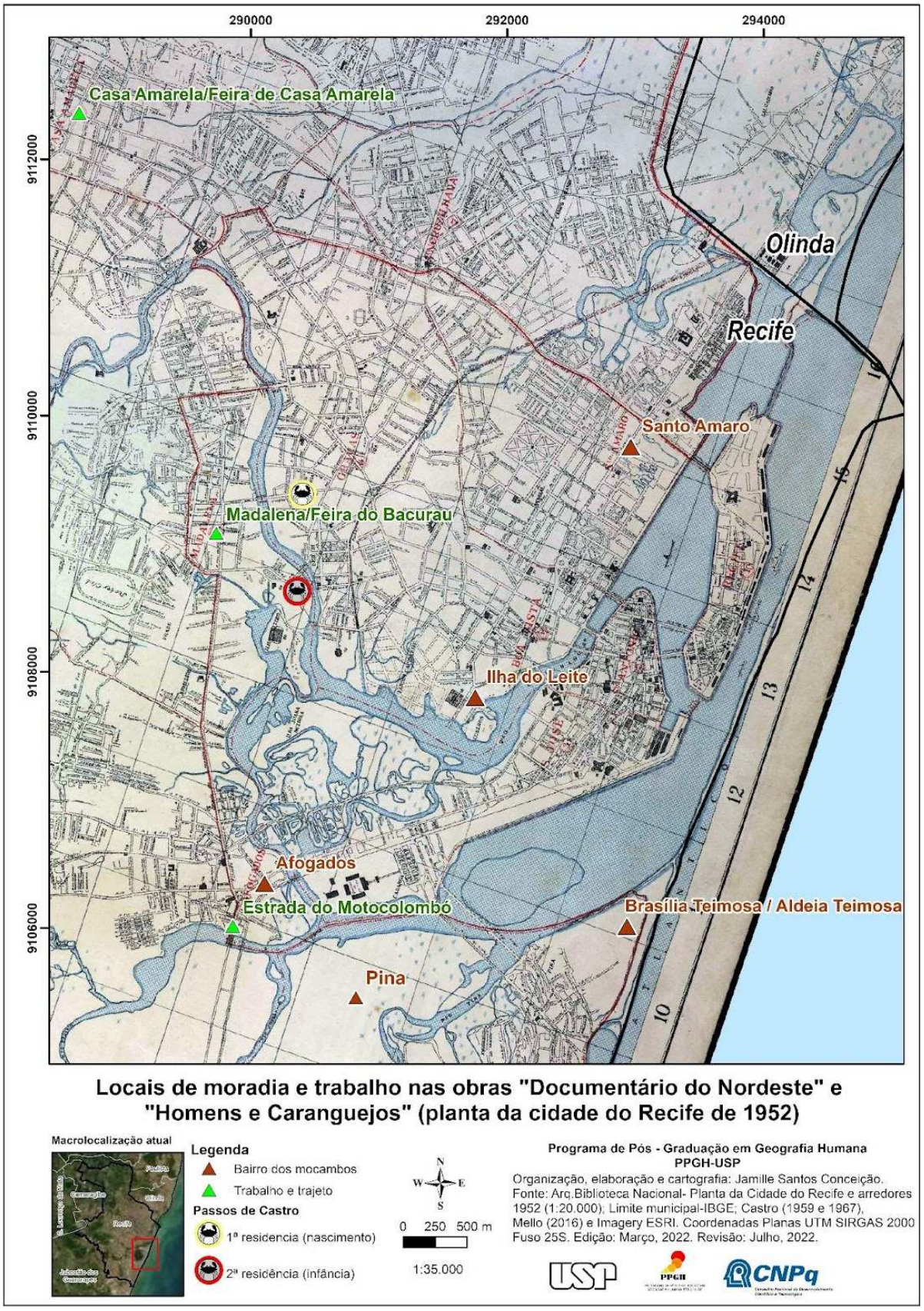
Considerando que o autor dedicou ambas as obras – *DNe* (1937, 1959, 1968) e *H&C* (1967) – àquela que, em suas palavras, foi "o melhor pedaço de minha vida" (Castro, 1959, p. 45), o fato de ele ter preservado, nas diferentes edições, os nomes e as histórias de alguns personagens com os quais manteve amizade confere à narrativa um caráter claramente memorialístico. Apresentamos a seguir os dois mapas produzidos, seguido de comentários a seu respeito:

Mapa 1- Residências de Josué de Castro e proximidade com os mocambos (planta de 1914)



Organização, elaboração e cartografia: Jamille Santos Conceição (2022).

Mapa 2 - Locais de moradia e trabalho nas obras literárias de Josué de Castro (Recife planta de 1952)



Organização, elaboração e cartografia: Jamille Santos Conceição (2022).

Outro resultado é a produção cartográfica resultante desse processo de análise das obras, da qual apresentamos uma amostra inicial daquilo que foi produzido até o momento. São dois mapas elaborados sobre plantas do Recife de anos diferentes – 1914 e 1952. No mapa 1, podemos observar as duas casas onde morou o médico recifense, sinalizadas com ícones de "caranguejo", diferenciados por cores: amarela para a primeira casa e vermelha para a segunda.

Castro residiu na primeira casa, situada na Capunga, nos primeiros anos de vida, vindo a se mudar para a segunda residência, no bairro da Magdalena, aos oito anos e ali permanecer até seus quatorze. Os relatos narrados circunscrevem, portanto, o período de 1916 e 1922.

A localização da segunda moradia de Castro foi obtida pela observação das áreas alagadiças do mangue na planta de 1916 e pela análise de descrições e algumas ilustrações na edição de 1959 de DNe:

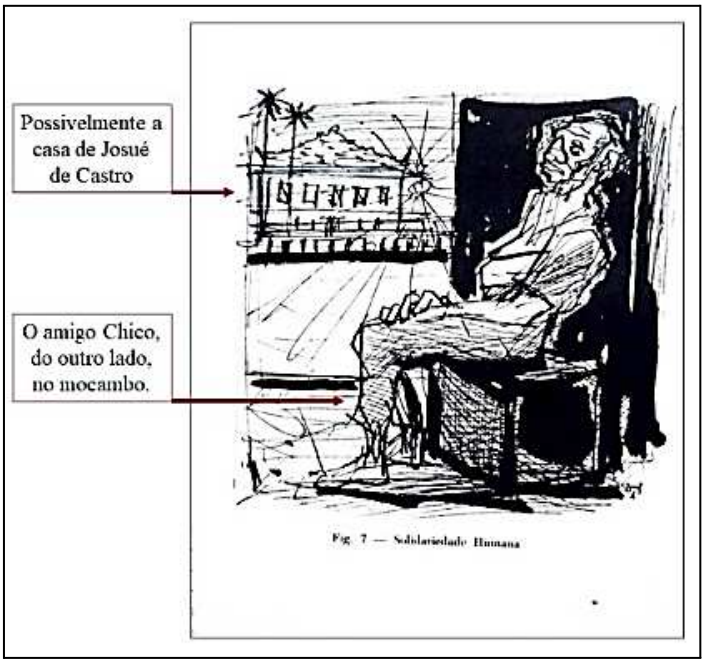
> Era **uma velha casa colonial com seis grandes janelas de frente**, a pintura toda descascada e com enormes salas cimentadas [...]
> **A casa ficava à margem do rio**, **o sítio terminava à beira dágua ficando em tempo de cheia como uma ilha**, [...].
> Velha casa construída nos bons tempos em que todo o transporte da cidade era feito em botes e em barcaças [...]. **Da ponte pra lá era mesmo a zona compacta dos mocambos**. **Uns por cima dos outros num enovelado de ruelas, numa anarquia desesperadora**. (Castro, 1959 p. 45-46, grifo nosso).

No trecho, também é possível identificar a influência da visão etnocêntrica sobre o discurso de Josué, ao imprimir uma valoração bastante negativa sobre a zona dos mocambos: "Uns por cima dos outros num enovelado de ruelas, anarquia desesperadora". O modo como a palavra "anarquia" foi empregada aqui expressa a ideia de "bagunça", "caos", e não a de organização social calcada na autogestão e na superação de toda autoridade – fundamentos do anarquismo.

Uma leitura amparada no entendimento das cosmologias africanas atribuiria uma outra valoração ao arranjo dos mocambos. Em vez de "entulhados" ("uns por cima dos outros"), poder-se-ia interpretá-los como "reunidos".

A imagem a seguir foi retirada do capítulo 'Solidariedade Humana' e recompõe bem o aspecto da casa do médico, como ele próprio a descreve, comprovando também a proximidade desta com a do mocambo onde seus grandes amigos – Chico, Cosme e dona Totonha moravam:

Figura 1 - Vista do mocambo para a (possível) casa de Josué de Castro (esquema)



Fonte: Adaptada de Castro (1959, p. 47). Elaboração da autora, 2022.

Estimamos que os mocambos onde moravam seus amigos estariam situados a sudoeste da casa de Josué (sinalizado pelo caranguejo de contorno vermelho), como demostrado na figura 2, a seguir.

Figura 2 - Quadrante da possível localização dos mocambos da Madalena (detalhe planta 1914)

Fonte: Extraído de Planta da Cidade do Recife (1914). Adaptado pela autora, 2022.

Ainda sobre a figura 2, a planta de 1914 demarca, sem diferenciar na legenda, alguns polígonos em marrom, perto do mangue (em verde) e do rio Capibaribe, que certamente são habitações. Estas, no entanto, não têm arruamentos e limites de lote definidos, como no caso da residência de Castro. Tais características - habitações mais dispersas, próximas da planície de inundação do curso d'água e do topônimo indicado no texto "Ponte da Magdalena"[15] (a sudeste da casa de Josué) – juntamente com a descrição abaixo, reforçam a presença de uma zona de mocambos na Magdalena: "Mais pra cá, entre o sítio e a ponte, ficava um terreno baldio coberto de matagal e na parte mais baixa alguns mangues garranchosos. Havia em toda a área apenas uns três ou quatro mocambos perdidos na sombra do matagal" (Castro, 1959 p. 46-47).

Na sequência, um trecho que dá continuidade à citação anterior, Josué fala da proximidade entre sua casa e os mocambos onde moravam seus melhores amigos de infância:

> E pregado bem no nosso muro uma lata de caixões de querosene, onde morava **Chico – um mulato pescador**. Chico era sozinho no mundo, desamparado, escondendo-se naquele isolamento com medo da caridade pública organizada. Chico era leproso [...]
> **Como eu era filho único e não tinha com quem brincar, fugia com frequência, apesar de todas as recomendações, para conversar com o leproso**.
> [...] O seu único amigo, grande amigo a quem ele se ligou em toda a sua vida foi o **Cosme, pobre preto** ainda mais infeliz na sua vida de trapo jogado sobre um jirau. O Cosme morava num dos mocambos do baixio, paralítico há 18 anos, desde os tempos de rapazinho [...] Com Cosme vive uma **tia velha, a negra Totonha, de mais de 70 anos**" (Castro, *op cit*, grifo nosso).

Essas três pessoas foram testemunhas e vítimas do regime escravista, mas também portadoras de valiosas tradições e tecnologias de seus ascendentes africanos. É o caso de "tia Totonha" que, com mais de 70 anos, certamente foi escravizada se considerarmos que o relato acima tenha se passado, no mínimo, em 1916, quando o autor tinha oito anos de idade e ela havia nascido em 1846. Ou seja, 42 anos antes da Lei Áurea e quatro antes da proibição do tráfico negreiro[16]. Já o "negro Cosme", paralisado há 18 anos, pode ter sido um dos primeiros de sua família a nascer livre (1898).

O trecho a seguir a demonstra o legado cultural e histórico do qual os moradores dos mocambos eram portadores: histórias da África, e de reinos africanos, cortejos de

[15] Atual Ponte Prefeito Lima de Castro (ou Ponte da Ilha do Retiro), conecta a rua do Paissandu com a rua Benfica.
[16] Lei Eusébio de Queirós, 4 de setembro de 1850.

Maracatu e bumba-meu-boi. Observamos também a valoração dada por Castro a essas zonas dos mocambos:

> **Da ponte pra lá era mesmo a zona compacta dos mocambos**. Uns por cima dos outros num enovelado de ruelas, numa anarquia desesperadora. Lá moravam a **negra Filomena contadora de histórias da África e do Reino e o mulato Nascimento Grande**, valente de profissão. **Era de lá que saía pelo carnaval o Maracatu e onde eu assisti pela primeira vez um bumba-meu-boi. Zona de vida fervilhante,** com um enxame de gente entulhada, comprimida, empastada na lama. (Castro, 1959 p. 46, grifo nosso)

No Mapa 2, a identificação dos locais de trabalho, dos trajetos e dos bairros dos mocambos, obtida a partir da análise das obras, revela a expansão da presença afrodiaspórica na cidade do Recife.

Outro aspecto que merece destaque é o topônimo "Brasília Teimosa/Aldeia Teimosa", que aparece na obra H&C, mas não em DNe. Sua presença no livro, publicado em 1967 – já durante o exílio de Josué - acompanha os acontecimentos reais da cidade à época. Trata-se da luta dos moradores de "Aldeia Teimosa", um pseudônimo para "Brasília Teimosa", nome real do bairro, que, semelhante ao que é descrito no livro, foi fruto de uma luta longeva iniciada no final dos anos 1940 (momento posterior à primeira publicação de DNe) por trabalhadores sem-teto[17]. A articulação política dos 'teimosenses'[18] em torno das reivindicações por acesso à terra na cidade, à moradia e à permanência, atravessou décadas e marcou não só o território da zona sul do Recife, mas o discurso de seus residentes a ponto de despertar a necessidade de preservação da memória de seus primeiros moradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cartografia elaborada a partir dos relatos memorialísticos de Josué de Castro, com ênfase nas territorialidades negras, amplia as perspectivas até então abordadas nas análises de suas obras literárias, especialmente sob a ótica da Geografia. Nosso estudo revelou uma diversidade de usos do território pela população pobre dos mocambos, incluindo a circulação e o trabalho, estratégias coletivas de luta por moradia, além da

[17] "Brasília Teimosa surgiu a partir de uma ocupação, iniciada em 1947, numa área que era conhecida como Areal Novo. Pescadores, negociantes, estudantes, donas de casa. [...] Conseguiu permanecer numa área construída por suas próprias mãos, valorizada e cobiçada por vários grupos de grande poder econômico e político. O bairro foi uma das primeiras áreas a serem urbanizadas, com recursos do então BNH, no programa denominado Pró-moradia. A proposta de urbanização foi desenvolvida pelos moradores da área, no projeto apresentado e conhecido como Teimosinho". Disponível em http://www.recife.pe.gov.br/especiais/recifesempalafitas/brasilia.php. Acesso em 25 mar 2022.
[18] Gentílico criado pelos próprios moradores.

sociabilidade e da cultura. Esses achados reforçam a importância de estudar as obras literárias de Castro, a fim de possibilitar a produção de novas leituras e interpretações.

Para melhor caracterização das territorialidades afrodiaspóricas produzidas, e que este trabalho apresentou uma pequena contribuição ao evidenciá-las por meio da literatura e da cartografia, é necessário realizar, com vistas à uma continuidade desse estudo, esforços para melhor caracterizar as especificidades – de valores, filosofias, cosmologias e línguas – dessas populações[19].

Espera-se, portanto, que os apontamentos apresentados aqui contribuam de maneira significativa não apenas para o debate racial a partir da literatura sob a perspectiva geográfica, mas também para a discussão dos conflitos e das estratégias envolvidas na disputa pela democratização da posse da terra, ao abordar o papel dos movimentos sociais e das comunidades na produção de territorialidades historicamente.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. O Espaço Geográfico dos Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 52-57, 26 nov. 2013. Disponível em https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/873 Acesso em 23 ago 2023.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. **Liberdade:** rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850 / Marcus J. M. de Carvalho. – 2.ª ed. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1959.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo**: história e historiografia. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

DOMINGUES, Petrônio. Prefácio: Da Diáspora e Colonialidade. In: MIRANDA, Fernanda R. D.; ASSUNÇÃO, Marcello F. M. D. (.). **Pensamento afrodiaspórico em perspectiva:** abordagens no campo da História e Literatura. Porto Alegre: Fi, v. 1, 2021. p. 345.

[19] De acordo com o sistema classificatório utilizado por Silva e Eltis (2008, apud Costa, 2013), chegou-se à definição de 6 áreas fornecedoras de mão de obra escravizada que desembarcaram em Pernambuco ao longo do século XIX: África Centro-Ocidental e Santa Helena, Baía de Biafra, Sudeste da África e ilhas do Oceano Índico, Baía do Benim, Senegâmbia e Costa Atlântica e Costa do Ouro (respectivamente, do maior para o menor número de embarques). Esse mapeamento possibilita compreender o complexo mosaico de procedências e nações dessas populações.

FREIRE, Juan; ONRUBIA, Daniel Villar. Prácticas cartográficas cotidianas en la cultura digital. **Razón Y Palabra**. Número 73 Agosto - Octubre 2010. Disponível em www.razonypalabra.org.mx Acesso em 30 ago 2022.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira**. Orientador: Bernardo Mançano Fernandes. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, p. 347. 2008. Disponível em https://repositorio.unesp.br/items/962a4a1e-0db0-4e00-b6d4-e2d9c54bf31c Acesso em 19 ago 2022.

COSTA, Valéria Gomes. O Recife nas rotas do Atlântico Negro: tráfico, escravidão e identidades no oitocentos**. Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, 7,1: 186-217, 2013. Disponível em https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/372/339 Acesso em 30 ago 2024.

HARLEY, John. Brian. Deconstructing the map. Cartographica. v.26, n.2. **Toronto**: University of Toronto Press, 1989. p.1-20. Disponível em http://www.comitepp.sp.gov.br/MESTRADO/files/Texto%2001%20-%20Harley%20A.pdf Acesso em 20 ago 2024.

HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas:** Ensayos sobre la historia de la cartografía. México: FCE, 2005. Disponível em https://geografiaehistoriaffyl.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/01/harley-la-nueva-naturaleza-de-los-mapas.pdf Acesso em 20 ago 2022.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.

GIRARDI, Eduardo Paulon. (2012). A CONSTRUÇÃO DE UMA CARTOGRAFIA GEOGRÁFICA CRÍTICA. ***Revista Geográfica da América Central***, *2* (47E). Disponível em https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2019 Acesso em 14 ago 2022.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. São Paulo: Papirus, 2012.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica:** para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 3ª. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SANTOS, Renato Emerson. Expressões espaciais das relações raciais: algumas notas. **Boletim Campineiro De Geografia**, 12(1), 11–28, 2022. Disponível em https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2840/2194 Acesso em 23 mar 2024.

SOUZA, Maria Ângela de Almeida. **Assentamentos Populares do Recife**: cadastro e mapeamento. Recife: SEHDUR-DIPLANURB, Recife, 1990.

Jamille Santos Conceição
Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH-USP). Atua principalmente nas áreas de Geografia Agrária, Agroecologia, Soberania Alimentar, Geociências, estudos ambientais integrados, Educação Ambiental, Ensino de Solos, Pedologia, Cartografia Crítica e Cartografia Histórica, incluindo grupos marginalizados e sujeitos contra-hegemônicos.

A autora agradece o apoio recebido do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo n.º: 130718/2021-1.

E-mail: jamille.conceicao@usp.br